

A questão do gênero na agricultura urbana na Grande Gaborone, Botsuana

Alice J. Hovorka - ahovorka@uoguelph.ca

Departamento de Geografia

Universidade de Guelph, Canadá

Foto: Alice J. Hovorka - as mulheres participam igualmente na agricultura urbana comercial em Gaborone

Três aspectos da agricultura urbana na Grande Gaborone fazem dela um caso interessante e enriquecedor para o estudo das questões de gênero: ela é predominantemente comercial, é reconhecida formalmente, e o número de mulheres que nela participa é praticamente igual ao de homens.



A agricultura urbana na Grande Gaborone tem um caráter predominantemente comercial, sendo a maior parte da produção vendida nos mercados urbanos. Ela não surgiu como uma resposta improvisada às difíceis condições econômicas na cidade, mas como uma reação a um ambiente econômico e político favorável, com assistência financeira governamental para os empreendedores locais, bem como por responder às tendências implícitas da urbanização (Hovorka, em revisão). Cerca de 115 empresas agrícolas comerciais operam na Grande Gaborone, variando em tamanho e tipo de produção. As pessoas envolvidas com este setor econômico urbano trabalham exclusivamente com a finalidade de gerar renda. Vários estudos anteriores confirmaram isso (Molefi, 2001; Matsila, 1999; Mosha, 1999; Byerley, 1996).

Quase todas as operações de agricultura urbana na Grande Gaborone são formalmente reconhecidas, muitas delas iniciadas com investimentos governamentais, e se diferenciam assim de muitos outros contextos africanos, onde a atividade permanece informal. Setenta e quatro por cento dessas operações são registradas como companhias, com marcas comerciais próprias, de acordo com a Política de Assistência Financeira, e operam formalmente em áreas dentro ou na periferia da cidade. Os outros empreendimentos operam informalmente, mas priorizam igualmente a finalidade comercial, antes do que a mera subsistência.

Um número aproximadamente igual de homens e mulheres participa desse setor econômico urbano, com 44% dos empreendimentos de propriedade de homens, e operados por eles, e 47% de propriedade de mulheres, e operados por elas, enquanto que 9% das empresas são de propriedade de casais, e operadas por ambos os cônjuges. Essa é uma importante dimensão, já que em outros contextos africanos as mulheres são relegadas muitas vezes à agricultura de subsistência, enquanto que os homens dominam nas formas comerciais da atividade. Essas três dimensões orientaram o autor para realizar uma pesquisa inicial das relações da agricultura urbana com as dinâmicas de gênero, na Grande Gaborone, Botsuana.

Esse artigo fornece uma visão geral das conclusões tiradas desse estudo, conforme detalhado por Hovorka (2003). Os trabalhos de campo para o estudo foram realizados entre outubro de 2000 e setembro de 2001, na Grande Gaborone, que inclui a cidade de Gaborone e outras cidades incluídas em sua área metropolitana: Tlokweng, Mogoditshane, Mmopane, Gabane e Metsemotlhabe. Entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com os proprietários de 109 (de um universo total de 114) empreendimentos agrícolas urbanos, 33% dos quais estão localizados dentro da própria cidade.

O acesso a esses empreendimentos foi facilitado pelos registros oficiais do Ministério da Agricultura, Registro de Empresas, Diretoria de Terras Tribais, e Departamento de Terras, bem como por meio de informantes, fornecedores e distribuidores privados, veterinários, organizações de agricultores, e observações pessoais.

O principal foco da pesquisa foi a relação entre gênero e níveis de produtividade desses sistemas de agricultura urbana comercial. Os participantes responderam a questões relativas a seus rendimentos líquidos, ao faturamento bruto, à quantidade de alimentos produzidos, bem como informaram algumas variáveis socioeconômicas, de localização e ambientais que afetavam seus empreendimentos. A análise dos dados combinou métodos quantitativos e qualitativos para dar à pesquisa significado tanto estatístico quanto conceitual.

Principais constatações

A pesquisa revelou que homens e mulheres em número praticamente igual se envolveram com a agricultura urbana e a vêem como uma oportunidade para o progresso econômico e/ou social. Ao mesmo tempo, entretanto, a discriminação de gênero e a inequidade prejudicam esse setor econômico urbano e reduzem sua contribuição potencial para a diversificação econômica local e para a segurança alimentar.

Esse número equivalente de homens e mulheres participando da agricultura urbana pode ser atribuído a dois fatores. Primeiro, a entrada das mulheres na produção agrícola comercial na Grande Gaborone foi facilitada em parte pela Política de Assistência Financeira, que dá prioridade especial às mulheres que solicitam empréstimos para desenvolver seus negócios.

Entre 1995 e 2000, dezessete empréstimos foram fornecidos a mulheres (e apenas onze a homens) que, sem essa ajuda, não poderiam ter ingressado na atividade. Segundo, e talvez mais importante, a análise revela que tanto homens quanto mulheres percebem esse setor como acessível a eles (e elas) e eficaz para superar a exclusão. Em outras palavras, a agricultura urbana comercial não é vista como um reino exclusivamente masculino ou feminino. Não é surpreendente portanto que as motivações de cada pessoa, para entrar nesse setor, sejam muito variadas e complexas, mas não especificamente influenciadas por questões de gênero (Hovorka, In Review b).

Homens e mulheres indicaram igualmente uma série de motivações econômicas para seu ingresso no agricultura urbana, incluindo os que dependem exclusivamente de seus cultivos para sobreviver, os que têm na atividade uma complementação de renda, e até aqueles

restritos à produção para a subsistência. Homens e mulheres também indicaram várias motivações sócio-culturais, incluindo a melhora do status social, a preservação de costumes culturais por meio da conservação de práticas agrícolas tradicionais, o aumento da auto-estima, a colaboração na oferta local de alimentos e no desenvolvimento nacional. Essas motivações econômicas ou sócio-culturais são influenciadas também pelas redes familiares, de amigos, de vizinhos, dos fornecedores privados, e pelos canais governamentais que freqüentemente estimulam empresários a implementarem operações agrícolas.

Apesar de o acesso à atividade ser igualmente aberto a homens e mulheres, ainda assim a agricultura comercial na Grande Gaborone é claramente influenciada pela dimensão do gênero. Os homens geram níveis mais elevados de renda e contribuem com maiores quantidades de alimentos, e mais valiosos, para o mercado urbano do que as mulheres.

As diferenças de gênero nos níveis de produtividade brotam dos diferentes status socioeconômicos e das disparidades de renda entre os produtores homens e mulheres. Os homens alcançam níveis médio e alto de rendimento, enquanto que as mulheres se concentram nos níveis mais baixos. Tais disparidades de renda estão ligadas ao fato de que os homens freqüentemente têm nível de educação mais elevado, têm emprego em tempo integral além de sua atividade agrícola, e vivem em famílias com mais de um membro gerando renda.

As diferenças socioeconômicas de gênero têm um impacto maior no acesso das mulheres aos recursos produtivos, incluindo capital, terra e mão-de-obra, e as empresas informais são mais tipicamente operadas por mulheres do que por homens. Essas discrepâncias têm impacto na distribuição especial das empresas de homens e de mulheres na paisagem urbana, refletindo a forte correlação entre níveis de capital e capacidade para comprar terras para a produção agrícola. Os homens estão localizados em áreas de produção agrícola maiores, mais caras, e localizadas tanto em áreas tribais, como em lotes arrendados, ou onde a posse é gratuita. As mulheres mais comumente ocupam terras tribais que não precisam pagar, e muitas vezes cultivam os seus quintais domésticos.

A análise revelou que as mulheres operam em escala menor – mas com maior intensidade, e dentro de certos sub-setores agrícolas (especialmente na produção de frango) enquanto que os homens participam mais amplamente em termos de escala e de variedade de produtos agrícolas. A análise de gênero ao longo das faixas de renda revelou que as mulheres de baixa renda operam com muita eficiência os seus sistemas de criação de frango, contando apenas com seus próprios recursos (por exemplo, redes sociais locais e equipamentos feitos em casa) para sustentar a produção em pequena escala, e seu rendimento mostra-se consistentemente maior do que o obtido por quem tem níveis de renda mais altos e opera em maior escala.

Porém seus esforços são prejudicados pelo zoneamento urbano, já que os lotes são relativamente pequenos (em média 4.000 m², comparada à média de 4,8 ha dos terrenos cultivados por quem tem renda média), e sua habilidade para acumular bastante capital para adquirir lotes maiores é limitada. Os homens e as mulheres de renda menor operam independentemente, e tendem a ser limitados pela falta de serviços de extensão e de apoio

relacionados a insumos, incluindo treinamento e informações sobre produção comercial e técnicas de gerenciamento de negócios. Mulheres de renda média em muitos casos enfrentam um problema em dobro, por que não têm o capital adequado para as operações diárias da empresa apesar de terem comprado a terra e os equipamentos fixos com ajuda do Programa de Assistência Financeira. Os poucos homens e mulheres de alta renda que se dedicam à agricultura urbana contam com seus próprios recursos, e têm muitas opções para operarem sistemas de grande escala e mais diversificados.

Implicações e direções futuras

A segregação e a inequidade de gênero associadas à agricultura urbana comercial na Grande Gaborone é prejudicial não apenas para as estratégias de sobrevivência das famílias mas também para o funcionamento do próprio setor e da nação como um todo. Homens e mulheres vêem igualmente a agricultura urbana empresarial como um meio de alcançar um padrão de vida melhor, social e economicamente. Infelizmente, as oportunidades das mulheres dentro do setor são geralmente mais limitadas do que as oferecidas aos homens.

No nível setorial, essa inequidade tem profundos impactos na variedade e na quantidade de alimentos produzidos para o mercado urbano. Não apenas as mulheres são limitadas em sua capacidade de produzir quantidades substanciais de alimentos para o mercado urbano, como ainda são marginalizadas a sub-setores menos valorizados. O sub-setor "broiler" já está alcançando seu ponto de saturação no Botsuana, e é duvidoso se o mercado poderá aceitar novas expansões das empresas já existentes além do surgimentos de novas iniciativas. Essa saturação sugere que o futuro das mulheres agricultoras, que predominam na produção "broiler", está ficando incerto. Finalmente, a segregação e a inequidade de gênero nesse setor econômico urbano ameaça minar os esforços do governo para diversificar a economia pelo estímulo às microempresas locais e para melhorar a produção local de alimentos. A contribuição potencial da agricultura urbana comercial para a diversificação econômica e para a segurança alimentar está sendo sufocada por uma dinâmica produtiva influenciada pela dimensão do gênero.

Reconhecer a segregação de gênero na agricultura urbana comercial que se pratica na Grande Gaborone irá viabilizar uma agenda de ação que ofereça ferramentas reais para recompor o equilíbrio entre homens e mulheres.

O número igual de homens e mulheres nesse setor pode ser visto positivamente, já que em muitos outros países africanos as mulheres estão quase sempre ausentes da produção comercial. O foco deve voltar-se para melhorar a capacidade das mulheres de participarem nesse setor econômico urbano, particularmente aumentando seu acesso aos recursos produtivos. Por exemplo, esquemas financeiros devem ser desenvolvidos para apoiar as operações agrícolas com capital para as despesas operacionais e investimentos fixos. Muitas mulheres empreendedoras, inclusive aquelas que receberam ajuda governamental para infraestrutura, expressaram sua frustração com a falta de capital de giro para manter suas atividades diárias em andamento. Além disso, o acesso a treinamentos sobre os aspectos técnicos e gerenciais deve complementar a assistência financeira, no apoio às mulheres empreendedoras agrícolas, bem como aos empreendedores homens, que também sofrem

com o acesso limitado a esses recursos.

O planejamento com relação às necessidades práticas e estratégicas dos homens e mulheres, acompanhado pela compreensão analítica da inequidade de gênero, é essencial para que se possa aproveitar todo o potencial da agricultura urbana como uma dimensão básica para o desenvolvimento e sustentabilidade das cidades.

Referências

- Byerley, Andrew. 1996. Urban Agriculture in Botswana: A Preliminary Investigation of Extent, Issues and Potential. Working Paper 307. Uppsala, Sweden: Swedish University of Agricultural Sciences, International Rural Development Centre.
- Hovorka, Alice J. Forthcoming (2004). "Commercial urban agriculture in Greater Gaborone: form & function, challenges & prospects". Pula: Botswana Journal of African Studies.
- Hovorka, Alice J. In Review a. "Urban opportunities: entrepreneurial urban agriculture in Botswana". Unpublished manuscript.
- Hovorka, Alice J. In Review b. "Gendered experiences, changing gender relations? A feminist political ecology of commercial urban agriculture in Botswana". Unpublished manuscript.
- Hovorka, Alice J. 2003. Exploring the Effects of Gender and Commercial (Peri-)Urban Agriculture Systems in Gaborone, Botswana. Ph.D. Dissertation. Worcester, Massachusetts: School of Geography, Clark University.
- Matsila, G. 1999. Urban Agriculture: A Survival Strategy for the Urban Poor. The Case of Jwaneng. Unpublished Master's Thesis. Gaborone: Department of Environmental Science, University of Botswana.
- Molefi, T.S. 2000. The Status and Potential Contribution of Urban Agriculture to Food Security and Employment Creation in Urban Botswana: The Case of Lobatse. Unpublished Master's Thesis. Gaborone: Department of Environmental Science, University of Botswana.
- Mosha, A.C. 1999. The Practice of Urban Agriculture in Gaborone. Gaborone, Botswana: Department of Environmental Science, University of Botswana.

[Sumario Revista No.12](#)